

CONTOS DE FADAS MODERNOS

VALENTE



Galera

Da autora de *O príncipe cruel*

HOLLY BLACK

VALENTE

HOLLY BLACK

Tradução
Adriana Fidalgo

1ª edição

— **Galera** —
2022

EDITORA-EXECUTIVA

Rafaella Machado

COORDENADORA EDITORIAL

Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL

Juliana de Oliveira

Isabel Rodrigues

Lígia Almeida

Manoela Alves

PREPARAÇÃO

Fernanda Barreto

CONSULTORIA

Edu Luckyficious

REVISÃO

Renato Carvalho

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA

Abreu's System

TÍTULO ORIGINAL*Valiant***CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B562v

Black, Holly, 1971-

Valente [recurso eletrônico] / Holly Black; tradução Adriana Fidalgo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022.

recurso digital

Tradução de: Valiant.

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-167-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Fidalgo, Adriana. II. Título.

22-77845

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Copyright © 2005 by Holly Black

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela

EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-167-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

*Para meu marido Theo,
porque ele ama garotas atormentadas e furiosas*

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

Sobre a autora



Prólogo

*Pois irei aprender com flores e folhas
De matiz em cada gota contido,
A transformar o inerte vinho da amargura
Em ouro vívido.*

— SARA TEASDALE, *ALCHEMY*



A mulher-árvore engasgou com o veneno, a lenta seiva de seu sangue estava em brasa. A maioria de suas folhas já havia caído, mas as restantes escureciam e murchavam ao longo das costas. Ela arrancou as próprias raízes do solo profundo, longas gavinhas espetadas que se encolhiam no ar fresco do fim do outono.

Uma cerca de ferro rodeava seu tronco havia anos, o fedor do metal era tão familiar quanto qualquer incômodo crônico. O ferro a queimou quando arrastou suas raízes sobre a grade. Ela caiu em cima da calçada de concreto, sua vagarosa consciência de árvore tomada pela dor.

Um humano que passeava com dois cachorrinhos cambaleou contra a parede de tijolos de um prédio. Um táxi cantou os pneus até parar e buzinar.

Galhos longos derrubaram uma garrafa enquanto a mulher-árvore se esgueirava para se afastar do metal. Ela estudou o vidro escuro conforme este rolava pela rua, observando o restante do veneno amargo gotejar do gargalo, vendo os conhecidos rabiscos na estreita tira de papel colada com cera. O conteúdo daquela garrafa devia ter sido um tônico, não o instrumento de sua morte. Ela tentou se levantar mais uma vez.

Um dos cachorros começou a latir.

A mulher-árvore sentiu o veneno agir dentro de si, entrecortando sua respiração e a confundindo. Estivera rastejando para algum lugar, mas não conseguia lembrar para onde. Manchas verde-escuras, como hematomas, floresciam por seu tronco.

— Ravus — sussurrou a mulher-árvore, a casca de seus lábios se rachando. — Ravus.



1

*É preciso correr muito para ficar no mesmo lugar.
Se você quer chegar a outro lugar,
corra duas vezes mais!*

— LEWIS CARROLL, *ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ELA ENCONTROU POR LÁ*



Galerie Russell sentiu algo gelado tocar a parte inferior de suas costas e se virou, reagindo sem pensar. Seu tapa encontrou carne. Uma lata de refrigerante caiu no piso de concreto do vestiário e rolou, o líquido marrom borbulhando ao formar uma poça. As outras garotas, vestindo moletons, ergueram o olhar e começaram a rir.

Mãos erguidas em um gesto de falsa rendição, Ruth deu uma gargalhada.

— Foi só uma piada, Princesa Fodona de Fodolândia.

— Desculpe — Val se forçou a dizer, mas a súbita surpresa zangada não havia se dissipado por completo e ela se sentia uma idiota. — O que você está fazendo aqui? Achei que chegar perto de suor te desse urticária.

Ruth se sentou em um banco verde, parecendo glamurosa em um paletó de smoking vintage e saia longa de veludo. As sobancelhas de Ruth eram finas linhas de lápis, os olhos estavam delineados com kajal e sombra vermelha. O cabelo preto brilhante era mais claro nas raízes e entremeado por tranças roxas. Ela deu um trago no cigarro de cravo e soprou a fumaça na direção das colegas de time de Valerie.

— Apenas meu próprio suor.

Val revirou os olhos, sorrindo. Ela e Ruth eram amigas desde sempre, havia tanto tempo que Val estava acostumada a ser a ofuscada, a “normal”, a que preparava o terreno para as respostas espirituosas, não a que respondia. Ela gostava daquele papel: sentia-se segura nele. O Robin para o Batman de Ruth. O Chewbacca para o Han Solo dela.

Val se inclinou para tirar o tênis e se viu no pequeno espelho da porta de seu armário, mechas de cabelo laranja escapando de uma bandana verde.

Ruth pintava o próprio cabelo desde o quinto ano, primeiro com cores que se podia comprar em caixas no supermercado, depois com cores vibrantes e lindas, como verde sereia e cor-de-rosa poodle, mas Val só tinha pintado o cabelo uma vez. Havia sido um ruivo de farmácia; mais escuro e vivo do que seu pálido tom natural, mas aquilo lhe rendera um castigo mesmo assim. Na época, a mãe a punia sempre que fazia algo para mostrar que estava crescendo. A mãe não queria que ela comprasse um sutiã, que usasse saia curta ou que namorasse antes do ensino médio. Agora que estava no ensino médio, do nada a mãe passou a oferecer dicas de namoro e maquiagem. Porém, Val havia se acostumado a prender o cabelo com bandanas, usar jeans e camisetas, e não queria mudar.

— Descolei algumas estatísticas para o projeto bebê-farinha e escolhi alguns nomes em potencial. — Ruth ajeitou a alça da enorme bolsa a tiracolo no ombro. A aba da frente estava manchada de tinta e repleta de broches e adesivos... um triângulo rosa descascando nas bordas, um pin escrito à mão com os dizeres “Ainda não sou rei”, em um menor era possível ler “Algumas coisas existem, acredite você ou não”, e uma dúzia mais. — Pensei que talvez você pudesse aparecer hoje à noite para a gente trabalhar nisso.

— Não posso — disse Val. — Tom e eu vamos ver um jogo de hóquei na cidade depois do treino.

— Uau! Algo que você quer fazer, para variar — comentou Ruth, enrolando uma das tranças roxas no dedo.

Val franziu o cenho. Não podia deixar de notar a entonação na voz de Ruth quando falava sobre Tom.

— Você acha que ele não quer ir? — perguntou Val. — Ele disse alguma coisa?

Ruth balançou a cabeça e deu outra tragada rápida no cigarro.

— Não. Não. Nada do gênero.

— Estava pensando que podíamos ir ao Village depois do jogo, se tivermos tempo. Caminhar pela St. Mark's. — Há apenas alguns meses, na feira da cidade, Tom aplicou uma tatuagem provisória na

curva das costas dela, se ajoelhando e molhando o ponto com a língua antes de pressionar o papel na pele. Agora ela mal conseguia fazer o garoto a beijar.

— A cidade à noite. Romântico.

Do modo que Ruth falou, Val achou que quis dizer o contrário.

— O quê? O que está acontecendo com você?

— Nada — respondeu. — Só estou distraída, tipo assim. — Ela se abanou com uma das mãos. — Tantas garotas seminuas em um único lugar.

Val assentiu, quase convencida.

— Você checou aqueles históricos de bate-papo como pedi? Encontrou aquele em que eu enviei as estatísticas das casas só com mulheres para o projeto?

— Não tive oportunidade. Vou pesquisar amanhã, ok? — Val revirou os olhos. — Minha mãe fica on-line 24 horas por dia, sete dias por semana. Ela tem um novo namorado virtual.

Ruth fez som de vômito.

— O quê? — perguntou Val. — Pensei que apoiasse o amor on-line. Não foi você quem falou que esse é o amor da mente? Verdadeiramente espiritual, sem os perigos da carne?

— Espero não ter dito isso. — Ruth colocou as costas da mão na testa, deixando o corpo cair para trás em uma imitação de desmaio. Ela se recompôs bruscamente, se endireitando. — Ei, isso em seu rabo de cavalo é um elástico? Vai quebrar os fios. Vem aqui; acho que tenho um prendedor e uma escova.

Val montou no banco em frente à Ruth e deixou ela lidar com o elástico.

— Ai! Você está piorando as coisas.

— Ok, fresca. — Ruth escovou o cabelo de Val e o envolveu com o prendedor, apertando com tanta força que Val pensou sentir os minúsculos fios na nuca se partirem.

Jennifer se aproximou e se apoiou no taco de lacrosse. Ela era uma garota grande e comum, que frequentava a escola de Val desde o jardim de infância. Sempre parecia limpa, desde o cabelo lustroso até o branco ofuscante das meias e o short sem vincos. Além disso, era a capitã do time.

— Ei, vocês duas, vão fazer isso em outro lugar.

— Tem medo de que seja contagioso? — perguntou Ruth, com doçura.

— Vá se foder, Jen — disse Val, com menos sagacidade e com um segundo de atraso.

— Não deviam fumar aqui — avisou Jen.

Apesar disso, ela não olhava para Ruth, encarava o moletom de Val. Tom havia decorado um dos lados: desenhara uma gárgula com marcador permanente na perna inteira. O outro lado exibia principalmente slogans ou apenas coisas aleatórias que Val tinha escrito com um monte de canetas diferentes. Com certeza não era o que Jen considerava ser o uniforme padrão de treino.

— Deixa pra lá. Tenho de ir mesmo. — Ruth apagou o cigarro no banco, queimando uma cratera na madeira. — Até mais, Val. Até mais, perdedora.

— Qual é o seu problema? — perguntou Jennifer, baixinho, como se quisesse mesmo ser amiga de Val. — Por que você anda com ela? Não vê a aberração que ela é?

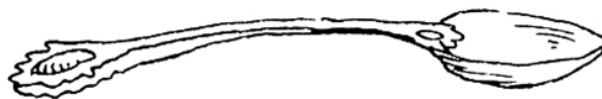
Val baixou o olhar para o chão, ouvindo as coisas que Jen não estava dizendo: *Não sabe que quem anda com os esquisitos deve mandar mal nos esportes? Sente tesão por mim? Por que simplesmente não desiste do time antes que a gente te chute?*

Se a vida fosse um videogame, ela teria usado seu poder para mandar Jen pelos ares e jogá-la na parede com dois golpes do taco de lacrosse. É lógico que, se a vida fosse mesmo um videogame, Val com certeza teria de fazer aquilo em um biquíni e com seios gigantes, cada um feito de polígonos animados individualmente.

Na vida real, Val mordeu o lábio e deu de ombros, mas as mãos se crisparam em punhos. Ela já havia se metido em duas brigas desde que entrou para o time e não poderia se dar ao luxo da terceira.

— O quê? Precisa que sua namorada fale por você?

Val deu um murro na cara de Jen.



Com os nós dos dedos ardendo, Valerie largou a mochila e o taco de lacrosse no já atulhado piso do quarto. Vasculhando suas roupas, ela separou uma calcinha e um sutiã esportivo que a deixava ainda mais tábua do que era. Então, resgatando um par de calças pretas possivelmente limpas, e o moletom verde com capuz da pilha de roupa suja, caminhou na ponta dos pés até o corredor, os sapatos com travas amassando e soltando as lombadas dos livros de contos de fadas e deixando uma trilha de sujeira sobre uma variedade de caixas de cartuchos de videogame. Ela ouviu plástico estalar sob seus calcanhares e tentou chutar algumas para a segurança.

No banheiro do corredor, ela despiu o uniforme. Depois de esfregar uma esponja debaixo dos braços e reaplicar o desodorante, ela começou a vestir as roupas, parando apenas para examinar a carne viva em suas mãos.

— Era sua última oportunidade — dissera o treinador. Ela havia esperado por 45 minutos no gabinete dele enquanto todas as outras treinavam e, quando o homem finalmente apareceu, viu o que ele estava prestes a dizer antes mesmo que abrisse a boca. — Não podemos nos dar o luxo de mantê-la no time. Você está afetando o senso de camaradagem de todas. Temos que ser uma equipe unida com um único objetivo... vencer. Você entende, não é?

Ouviu-se uma batida solitária antes da porta se abrir. A mãe dela estava parada na soleira, a mão perfeitamente bem-cuidada ainda na maçaneta.

— O que aconteceu com o seu rosto?

Val sugou o lábio cortado para dentro da boca, examinou o machucado no espelho. Ela havia se esquecido daquilo.

— Nada. Foi só um acidente no treino.

— Você está horrível. — A mãe se espremeu para dentro, balançando o corte de cabelo com as luzes recém-retocadas, para que ambas fossem refletidas no mesmo espelho. Toda vez que ia ao cabeleireiro, ele parecia adicionar mais mechas, mais claras, de modo que o castanho original parecia submerso em uma maré de amarelo.

— Muito obrigada — bufou Val, apenas ligeiramente irritada. — Estou atrasada. Atrasada. Atrasada. Atrasada. Como o coelho

branco.

— Espere. — A mãe de Val se virou e saiu do quarto. O olhar de Val a seguiu pelo corredor até o papel de parede listrado e as fotos de família. A mãe como vice-campeã de um concurso de beleza. Valerie com aparelho nos dentes, sentada ao lado da mãe no sofá. Os avós na frente do próprio restaurante. Valerie de novo, dessa vez com sua meia-irmãzinha no colo, na casa do pai. Os sorrisos nos rostos congelados pareciam de desenho animado e os dentes expostos eram brancos demais.

Alguns minutos depois, a mãe retornou com uma bolsa de maquiagem zebrada.

— Fique parada.

Valerie fez uma careta, erguendo os olhos depois de amarrar o par verde favorito de All Star.

— Não tenho tempo. Tom vai chegar a qualquer minuto. — Ela não tinha nem se lembrado de colocar o próprio relógio, então arregaçou a manga da blusa da mãe e conferiu o dela. Já estava mais que atrasada.

— Tom sabe onde fica a porta. — A mãe de Valerie manchou o dedo com um creme bege denso e começou a dar batidinhas gentis sob os olhos de Val.

— O corte é no meu *lábio* — argumentou Val. Ela não gostava de maquiagem. Sempre que ria, os olhos se enchiam de lágrimas e a maquiagem borrava como se tivesse chorado.

— Você precisa de um pouco de cor no rosto. As pessoas se arrumam em Nova York.

— É só um jogo de hóquei, mãe, não a ópera.

A mãe soltou um suspiro, aquele que parecia sugerir que um dia Val se daria conta do quanto estava equivocada. O rosto da jovem foi preenchido com pó tonalizante, em seguida pó translúcido. Então mais pó foi salpicado em seus olhos. Val se lembrou do baile de formatura no verão anterior, e torceu para que a mãe não tentasse recriar aquele visual pegajoso e cintilante. Finalmente, ela passou um batom na boca de Val. O que fez o corte arder.

— Terminou? — perguntou Val, enquanto a mãe começava a aplicar a máscara de cílios. Um olhar de esguelha para o relógio da

mãe mostrou que o trem partiria em mais ou menos quinze minutos.
— Merda! Tenho de ir. Onde diabos está ele?

— Você sabe como é o Tom — disse a mãe.

— O que *quer dizer*? — Não sabia por que a mãe sempre agia como se conhecesse os amigos de Val melhor que a própria.

— Ele é um garoto. — A mãe de Val balançou a cabeça. — Irresponsável.

Valerie pegou o celular na mochila, rolou até o nome dele e ligou. Caiu direto na caixa postal. Ela desligou. No caminho de volta ao quarto, olhou pela janela, para além das crianças andando de skate em uma rampa de compensado na entrada da garagem do vizinho. Não avistou o pesado Caprice Classic de Tom.

Ela ligou de novo. Caixa postal.

— Aqui é o Tom. Bela Lugosi morreu, mas eu não. Deixe seu recado.

— Você não devia ficar telefonando assim — disse a mãe, a seguindo até o quarto. — Quando ele ligar o celular, vai ver a quantidade de chamadas perdidas e quem discou.

— Não me importo com o que ele vê — rebateu Val, digitando os números. — De qualquer forma, é a última tentativa.

A mãe de Val se esticou na cama da filha e começou a delinear os lábios com lápis marrom. Conhecia tão bem o formato da própria boca que não precisava de um espelho.

— Tom — disse Val ao celular assim que caiu na caixa postal —, estou indo para a estação de trem. Não se dê ao trabalho de me buscar. Me encontre na plataforma. Se eu não te vir, vou pegar o trem e a gente se encontra no Garden.

A mãe franziu o cenho.

— Não sei se é seguro você ir sozinha até a cidade.

— Se perdermos esse trem, vamos nos atrasar para o jogo.

— Bem, pelo menos leve esse batom. — A mãe de Val vasculhou a bolsa e o entregou a ela.

— Como isso vai ajudar? — resmungou Val e pendurou a mochila no ombro. O celular ainda estava em sua mão, o plástico se aquecendo entre os dedos.

A mãe de Val sorriu.

— Tenho de mostrar uma casa hoje à noite. Está com suas chaves?

— Sim — respondeu Val. Ela beijou a bochecha da mãe, inspirando perfume e laquê. Deixou uma marca de lábios bordô. — Se Tom aparecer, diga a ele que já fui. E diga a ele que é um otário.

A mãe sorriu, mas havia algo estranho em sua expressão.

— Espere — chamou ela. — Você devia esperar por ele.

— Não posso — disse Val. — Já avisei a ele que estou saindo.

E então ela disparou pela escada, porta afora, e atravessou o pequeno pátio. Era uma curta caminhada até a estação e o ar fresco caiu bem. Era satisfatório agir em vez de esperar.

O asfalto do estacionamento ainda estava molhado da chuva da véspera, e o céu nublado, carregado com a promessa de mais. Ao cruzar o estacionamento, os sinais começaram a piscar e tocar em advertência. Ela alcançou a plataforma no instante em que o trem parava, soltando uma nuvem de ar quente e fétido.

Valerie hesitou. E se Tom tivesse esquecido o celular e esperado por ela em casa? Se ela embarcasse naquele instante e ele pegasse o trem seguinte, talvez nunca se encontrassem. Ela estava com os dois bilhetes. Talvez pudesse deixar o dele na bilheteria, mas ele podia não se lembrar de perguntar lá. E mesmo que tudo aquilo funcionasse, ainda assim Tom ficaria emburrado. Quando ou se ele finalmente aparecesse, não estaria com disposição para nada a não ser discutir. Ela não sabia para onde poderiam ir, mas havia alimentado a esperança de que pudessem encontrar um lugar para ficarem sozinhos por um tempo.

Ela mordiscou a pele ao redor do polegar, arrancando de forma meticulosa uma cutícula, puxando em seguida para que um pequeno filete de pele se soltasse. Era estranhamente prazeroso, apesar da minúscula quantidade de sangue que subia à superfície, mas, quando a lambeu, sua pele tinha um gosto amargo.

As portas do trem enfim se fecharam, dando fim a sua indecisão. Valerie assistiu enquanto a composição deixava a estação e, então, começou a caminhar lentamente para casa. Estava aliviada e irritada ao avistar o carro de Tom estacionado ao lado do Miata da mãe na garagem. Onde ele estivera? Ela se apressou e abriu a porta de supetão.

Valerie congelou. A porta de tela escorregou de seus dedos, se fechando com uma batida. Através da rede, podia ver a mãe inclinada para a frente no sofá branco, a blusa azul-clara desabotoada até o sutiã. Tom, ajoelhado no chão, a cabeça com o moicano erguida para beijá-la. Suas unhas pintadas de preto e lascadas se atrapalhavam com os botões restantes da blusa dela. Ambos se sobressaltaram com o som da batida da porta e se viraram para ela, rostos inexpressivos, a boca de Tom manchada de batom. De algum modo, os olhos de Val vagaram além dos dois, até as margaridas secas que Tom havia lhe dado no aniversário de quatro meses de namoro. Elas estavam sobre o móvel da TV, onde as deixara semanas antes. A mãe pedira que Val as jogasse fora, mas ela havia esquecido. Era possível ver os caules através do vidro do vaso, a porção inferior imersa em água salobra e infestada de mofo.

A mãe de Valerie soltou um soluço abafado e se atrapalhou ao se levantar, fechando a blusa.

— Ah, merda! — exclamou Tom, meio caído no carpete bege.

Val queria dizer algo mordaz, algo que os transformasse em cinzas, mas não encontrou palavras. Deu meia-volta e se foi.

— Valerie! — chamou a mãe, com mais desespero que autoridade.

Olhando para trás, ela viu a mãe na soleira, Tom era uma sombra atrás dela. Valerie começou a correr, a mochila batendo contra o quadril. Só parou quando estava de volta à estação de trem. Ali, ela se agachou na calçada de concreto, arrancando ervas daninhas enquanto ligava para o número de Ruth.

Ruth atendeu o telefone. Soou como se estivesse rindo.

— Alô?

— Sou eu — disse Val. Esperava uma voz trêmula, mas soou inexpressiva, sem emoção.

— Ei — disse Ruth. — Onde você está?

Val podia sentir as lágrimas começando a arder no canto dos olhos, mas ainda assim as palavras soaram firmes.

— Descobri uma coisa sobre Tom e minha mãe...

— Merda! — interrompeu Ruth.

Valerie ficou em silêncio por um instante, o pânico deixava seus membros pesados.

— Sabe de algo? Você sabe do que estou falando?

— Estou tão feliz que você tenha descoberto — respondeu Ruth, falando rápido, as palavras quase tropeçando uma na outra. — Eu queria te contar, mas sua mãe me implorou para não falar. Ela me fez jurar que eu não diria.

— Ela te contou? — Val se sentia especialmente estúpida, mas não conseguia aceitar que entendera o que acabara de ser dito. — Você sabia?

— Ela não falava de outra coisa quando soube que Tom deixou escapar o caso. — Ruth riu e, então, se deteve, constrangida. — Não é como se estivesse rolando há muito tempo ou coisa assim. Sinceramente, eu teria dito algo, mas sua mãe me prometeu que confessaria tudo. Até avisei a ela que ia contar... mas ela disse que negaria. Eu tentei te dar umas pistas.

— Que pistas? — De repente, Val se sentiu tonta. Fechou os olhos.

— Bem, eu disse para você checar o histórico dos bate-papos, lembra? Olhe, deixa pra lá. Estou feliz que ela finalmente tenha contado.

— Ela não me contou — explicou Valerie.

Houve um longo silêncio. Ela podia ouvir a respiração de Ruth.

— Por favor, não fique zangada — disse ela, enfim. — Simplesmente não consegui te contar. Não podia ser eu a contar.

Val desligou o celular. Chutou um pedaço solto de asfalto para a poça e, depois, chutou a própria poça. Seu reflexo ficou turvo; a única coisa nítida era a boca, um borrão de vermelho em um rosto pálido. Ela a esfregou, mas a cor apenas se espalhou.

Quando o trem seguinte chegou, ela embarcou, se sentando em um assento laranja rachado e pressionando a testa contra o acrílico gelado da janela. Seu celular vibrou e ela o desligou sem olhar para a tela. Mas conforme Val se virava de volta para a janela, foi o reflexo da mãe que viu. Levou um segundo para se dar conta de que estava encarando a si mesma de maquiagem. Furiosa, ela caminhou depressa até o banheiro do trem.

O cômodo era grande e encardido, com um pegajoso piso de borracha e paredes de plástico rígido. O cheiro de urina se misturava ao perfume químico de flores. Pequenas bolas de chiclete descartado decoravam as paredes.

Val se sentou no tampo do vaso e se forçou a relaxar, a inspirar fundo o ar pútrido. Suas unhas se cravaram na carne dos braços e, de algum modo, aquilo a fez se sentir um pouco melhor, um pouco mais no controle.

Estava surpresa com a intensidade da própria raiva. O sentimento a sufocava, o que a fazia ter medo de que começasse a gritar com o condutor ou com cada passageiro do trem. Ela não se achava capaz de aguentar a viagem toda. Já se sentia exausta pelo esforço de tentar se controlar.

Ela esfregou o rosto e olhou para a palma da mão, manchada com o batom bordô e ligeiramente trêmula. Abriu o zíper da mochila e derramou seu conteúdo no chão imundo enquanto o trem avançava.

Sua câmera fez barulho nas lajotas de borracha, junto com alguns rolos de filme, um livro da escola, *Hamlet*, que deveria já ter lido, um par de elásticos de cabelo, uma embalagem amassada de chicletes e um kit de cuidado pessoal para viagem que a mãe havia lhe dado em seu último aniversário. Ela se atrapalhou ao abri-lo... pinça, tesourinha de unha e uma gilete, tudo brilhando à meia-luz. Valerie pegou a tesoura, sentiu as lâminas pequenas, afiadas. Ela se levantou e se olhou no espelho, agarrando um chumaço de cabelo, começou a cortar.

Mechas abandonadas se enrolavam como serpentes de cobre ao redor de seus tênis quando terminou. Val passou a mão pela cabeça careca; estava escorregadia com sabão líquido cor-de-rosa e parecia áspera como língua de gato. Ela olhou para o próprio reflexo, convertido em estranho e simples, fitou os olhos implacáveis e a boca pressionada em uma linha fina. Fios de cabelo grudados às bochechas lembravam finas limalhas de ferro. Por um segundo, não estava certa do pensamento daquele rosto no espelho.

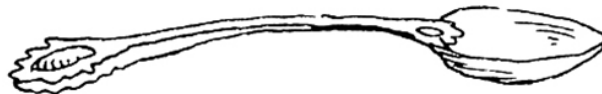
A gilete e a tesourinha de unha tilintaram na pia quando o trem chegou à outra parada. A água agitou-se no vaso sanitário.

— Olá? — chamou alguém do outro lado da porta. — O que está acontecendo aí?

— Só um minuto — respondeu Val. Ela lavou o aparelho de gilete sob a torneira e o enfiou de volta na mochila. Ajeitando a bolsa em um dos ombros, pegou um punhado de papel higiênico, molhou-o e se abaixou para enxaguar o cabelo.

O espelho chamou sua atenção outra vez enquanto se endireitava. Por um instante, pareceu que um jovem a encarava de volta, suas feições tão delicadas que ela não acreditava que pudesse se defender. Val piscou, abriu a porta e saiu para o corredor do trem.

Ela voltou para seu assento, sentindo os olhares dos outros passageiros se desviarem conforme passava. Contemplando a vista pela janela, observou os gramados suburbanos até entrarem em um túnel, então viu apenas seu novo e desconhecido reflexo na janela.



O trem parou em uma estação de metrô e Val saltou, caminhando através do ranço da fumaça de escapamento. Ela subiu uma estreita escada rolante imóvel, esmagada entre as pessoas. A Penn Station estava lotada de passageiros, cabeças baixas enquanto passavam uns pelos outros, e de estandes que vendiam cordões, echarpes e flores de fibra ótica reluzentes com cores oscilantes. Valerie caminhava colada a uma das paredes, passando por um homem sujo adormecido sob um jornal e por um grupo de garotas de mochila gritando umas com as outras em alemão.

A raiva que havia sentido no trem se esvaíra e Val atravessava a estação como uma sonâmbula.

O Madison Square Garden ficava a uma escada rolante de distância, depois de um ponto de táxi e barraquinhas vendendo amendoim doce e salsichas. Um homem lhe ofereceu um folheto que Val tentou devolver, mas ele já havia o abandonado com um pedaço de papel que prometia um SHOW DE GAROTAS AO VIVO. Ela amassou o panfleto e o enfiou no bolso.

Ela atravessou um corredor estreito apinhado de pessoas e esperou na bilheteria. Um cara jovem atrás do vidro ergueu o olhar quando ela passou o bilhete de Tom. Parecia atônito. Ela pensou que poderia ser devido a sua falta de cabelo.

— Pode me reembolsar por isso? — perguntou Val.

— Você já tem um ingresso? — indagou ele, estreitando o olhar, como se tentasse descobrir exatamente qual era o golpe ali.

— Sim — respondeu ela. — O idiota do meu ex-namorado não conseguiu vir.

Compreensão tomou as feições do rapaz e ele assentiu.

— Saquei. Olha, não posso devolver seu dinheiro porque o jogo já começou, mas se me der os dois, consigo um upgrade para você.

— Certo — disse Val, sorrindo pela primeira vez desde o início daquele passeio. Tom já havia lhe dado o dinheiro do ingresso, e ela apreciou a pequena vingança de pegar um lugar melhor às suas custas.

O rapaz lhe deu o novo ingresso e ela passou pela roleta, serpenteando pela multidão. As pessoas discutiam, rostos corados. O ar fedia a cerveja.

Valerie estivera ansiosa para assistir àquele jogo. Os Rangers vinham fazendo uma ótima temporada. Mesmo que não fosse o caso, ela amava o modo como os homens se moviam sobre o gelo, como se não pesassem nada, o tempo todo equilibrados em lâminas. Fazia o lacrosse parecer deselegante, apenas um monte de gente se arrastando pela grama. Porém, enquanto procurava a entrada para seu assento, sentiu um nó no estômago. O jogo era importante para todas aquelas pessoas do mesmo jeito que fora para ela, mas agora ela estava apenas matando o tempo antes que precisasse voltar para casa.

Val encontrou a entrada e a atravessou. A maioria dos assentos já estava ocupada e ela teve de se esgueirar por um grupo de caras de rosto vermelho. Eles esticaram o pescoço para desviar o olhar dela, para além da divisória de vidro, para onde o jogo já havia começado. O estádio *cheirava* a gelo, como o ar depois de uma tempestade de neve. Mas mesmo enquanto seu time patinava em direção ao gol, seus pensamentos voavam para a mãe e Tom. Ela não devia ter saído daquela maneira. Desejou poder voltar atrás.

Nem teria se preocupado com a mãe. Teria dado um murro na cara de Tom. Em seguida, olhando apenas para ele, teria dito “Eu esperava isso dela, mas não de você”. Teria sido perfeito. Ou, talvez, poderia ter arrebentado o vidro da janela do carro dele. Mas o carro já era um lixo, então melhor não.

Entretanto, ela poderia ter ido até a casa de Tom e contado aos pais dele sobre o saco de maconha que o rapaz escondia entre o colchão e o estrado. Entre aquilo e o lance com a mãe de Val, quem sabe a família o teria enviado para alguma clínica de reabilitação para maconheiros papa-coroa?

Quanto à mãe, a melhor vingança em que Val podia pensar seria ligar para o pai, chamar a madrasta Linda no viva-voz e contar a coisa toda. O pai de Val e Linda tinham um casamento perfeito, do tipo que vinha com duas adoráveis crianças babonas, carpete de parede a parede, e que, sobretudo, deixava Val enojada. Infelizmente, contar aos dois tornaria a história deles. Eles contariam o fato sempre que quisessem, jogariam aquilo na cara da mãe de Val quando brigassem, relatariam o ocorrido para chocar os amigos do golfe. A história era de Val e seria ela a controlá-la.

Um rugido correu a plateia. Ao seu redor, as pessoas se levantaram de um pulo. Um dos Rangers havia derrubado um cara do outro time e estava arrancando as próprias luvas. O árbitro agarrou o Ranger e seus patins escorregaram, abrindo um talho na bochecha do outro jogador. Conforme eram levados embora, Val encarou o sangue no gelo. Um homem de branco apareceu e raspou a maior parte, então o nivelador alisou o gelo durante o intervalo, mas um trecho de vermelho permaneceu, como se a mancha tivesse entranhado tão fundo que não era possível eliminá-la. Mesmo quando seu time fez o gol da vitória e todos ao seu lado ficaram de pé outra vez, ela não conseguiu desviar os olhos do sangue.

Depois do jogo, Val seguiu a multidão até a rua. A estação de trem ficava a apenas alguns metros, mas ela não conseguia encarar a volta para casa. Queria embromar um pouco mais, até conseguir pôr as ideias em ordem, dissecar um pouco mais o que havia acontecido. Até mesmo a ideia de embarcar de volta no trem a

enchia de um pânico doentio que fazia seu pulso acelerar e o estômago embrulhar.

Ela começou a caminhar e, depois de um tempo, percebeu que a numeração na rua diminuía e os prédios pareciam mais velhos, vielas se estreitavam e o trânsito rareava. Dobrando à esquerda, na direção do que imaginou que pudesse ser o West Village, passou por lojas de roupas fechadas e fileiras de carros estacionados. Não tinha certeza da hora, mas devia ser perto da meia-noite.

Sua mente continuava a desemaranhar os olhares entre Tom e a mãe, olhares que agora tinham sentido, pistas que ela devia ter decifrado. Val via o rosto da mãe, uma combinação estranha de culpa e honestidade, quando havia lhe dito para esperar por Tom. A lembrança fez a jovem estremecer, como se seu corpo estivesse tentando descartar um peso físico.

Ela parou e comprou uma fatia de pizza em uma loja de conveniência onde uma mulher com um carrinho cheio de garrafas estava parada nos fundos, bebendo Sprite por um canudo e cantando para si mesma. O queijo quente queimou o céu da boca de Val e, quando olhou para o relógio, se deu conta de que já tinha perdido o último trem para casa.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Valente (Vol. 2 Contos de fadas modern..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).